

POSSÍVEIS DIMENSÕES DO LUGAR DO ANALISTA NA TÉCNICA FREUDIANA

Sissi Vigil Castiel

RESUMO

O trabalho trata de proceder uma elaboração conceitual do lugar do analista a partir do percurso técnico de Freud. Com base na compreensão de tal percurso, é possível examinar diferentes dimensões do lugar do analista, uma delas relacionada à perspectiva do deciframento do inconsciente e outra, à ênfase na transferência e na transformação pulsional no sentido do desejo. Apoiado em alguns pontos de vista de autores contemporâneos, reflete-se a respeito das implicações destas diferentes posições.

PALAVRAS-CHAVE: Lugar do analista, Reação Terapêutica Negativa, Resistência, Técnica Freudiana

“Vocês, psicanalistas, o sabem. Vocês poderiam ou deveriam sabê-lo melhor do que ninguém. A prova: não lhes foi suficiente supor saber, vocês souberam dar o salto para o im-possível, expondo-se, pelo dom gracioso de uma hospitalidade quase incondicional, à vista de um estrangeiro vindo salvar vocês, sim, em sinal de reconhecimento, mas sem a segurança da salvação, aos seus riscos e perigos.”¹

Na cultura atual, a teoria e a técnica psicanalítica já não ocupam o lugar de ideal de eu de outrora. As características da modernidade são razões justas para tal acontecimento. Na verdade, observa-se uma resistência da cultura à psicanálise. Contudo, entender isto apenas como um fenômeno extra-muros é não considerar a crise em sua totalidade, eximindo os psicanalistas de suas responsabilidades.

¹ DERRIDA, J. *Estados-da-alma da psicanálise*: o impossível para além da soberana crueldade. São Paulo: Escuta, 2001, p. 89-90.

Jacques Derrida, em *Estados-da-alma da Psicanálise*², aponta para a existência, não de uma, mas de uma dupla resistência em curso: uma, do mundo à psicanálise e outra, da psicanálise a ela mesma bem como ao mundo, ou seja, da psicanálise à psicanálise como ser-no-mundo.

Para além das responsabilidades da psicanálise por seu fechamento com relação ao mundo e, por isso mesmo parte de seu descrédito como prática clínica e para além da resistência do mundo à psicanálise, neste trabalho, abordaremos a resistência da psicanálise a ela mesma. Pois, não estariam os próprios psicanalistas de hoje resistindo à análise? Por outro lado, o que facilmente denomina-se Reação Terapêutica Negativa não teria relação com a resistência da psicanálise a ela mesma?

Como enuncia Derrida³, é em seu poder de por em crise que a psicanálise está ameaçada e entra, portanto, em sua própria crise. Para ele o que deveria acontecer em cada sessão de análise seria uma espécie de micro-revolução, e, portanto, a psicanálise deveria ser um processo de parte a parte revolucionário.

A afirmativa de Derrida introduz a questão do lugar do analista na clínica psicanalítica, no sentido do que caberia ao primeiro para que cada sessão tivesse um caráter revolucionário. Muitas vezes o que se verifica é que a análise adota uma pretensão intelectualizante e uma “normatização” do sujeito ao invés de ter o caráter de uma experiência de transformação do pulsional, no sentido do desejo.

Retomando o discurso freudiano, entendemos que existem diferentes concepções da técnica analítica. Em cada uma delas, é possível pensar de diferentes formas o lugar do analista na prática clínica.

Em um primeiro momento, a técnica analítica objetivava tornar consciente o inconsciente: o sujeito deveria conhecer suas representações recalçadas. Assim, na clínica, por meio da interpretação, seria possível tornar consciente o inconsciente, de maneira a revelar ao sujeito a verdade e o

² Ibidem.

³ Ibidem.

sentido. Neste procedimento técnico de tornar consciente o inconsciente, a interpretação apresentava um modelo tópico⁴.

No quadro da primeira teoria das pulsões, suporte metapsicológico da técnica deste período inicial, o discurso freudiano apresentava as pulsões sexuais reguladas pelo princípio do prazer, enquanto que as pulsões autoconservativas estavam reguladas pelo princípio da realidade. No campo da experiência clínica, esta formulação seria transformar o processo primário em processo secundário, de forma que o eu passaria a defender-se da sexualidade. Assim, poderíamos formular que, neste tempo da técnica analítica, ante a constatação da verdade do seu desejo, o sujeito deveria abdicar dele, através do juízo de condenação.

A concepção da ética que perpassa essa concepção da técnica é a de que seria necessária uma renúncia ao desejo por parte do sujeito, a medida em que a satisfação deste colocaria em risco a conservação do sujeito. Portanto, o objetivo da técnica analítica se relacionava ao deciframento das verdades inconscientes para que através do uso da razão o sujeito pudesse renunciar a elas. Nesse processo, estavam em evidência o eu, a razão e a renúncia.

Que lugar ocupa o analista dentro dessa concepção técnica? O de intérprete de uma verdade que está inconsciente, e, nesse sentido, o analista contaria com o eu do paciente como aliado para poder decifrar tais verdades. Nesse sentido, o lugar do analista teria relação com uma posição intelectual frente ao paciente. Aquele que saberia decifrar as verdades do sujeito.

Todavia, Birman⁵ afirma que em *As Pulsões e seus Destinos*, Freud define a pulsão primordialmente por seu aspecto econômico, como uma força que impõe ao psiquismo um trabalho. A irrupção pulsional seria justamente o que obrigaria o sujeito a ter de realizar um trabalho sobre as excitações para que fosse possível dominar a força da pulsão como irrupção. Assim, seria preciso um campo de objetos através dos quais existisse a satisfação e, a partir disto, a inscrição destas experiências em um campo de representações.

⁴ FREUD, Sigmund. (1893-95), "Sobre la psicoterapia de la histeria (Freud) – Estudios sobre la histeria", en: *Obras completas*. Buenos Aires, Amorrortu, 1994, vol.2.

⁵ BIRMAN, J. (1991), *Freud e a interpretação psicanalítica*.. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, Segunda Parte.

Paralelamente, Freud começa a dar-se conta da intensidade da repetição na análise, passando a apontar como questão básica da transferência o que é possível ser vivido através dela. De fato, a repetição feita pelo paciente determina que, quanto mais o processo analítico se aprofunda, mais a resistência por meio da regressão busca satisfação das pulsões no campo da transferência. Assim, a verdade se revela por meio da repetição, denunciando a realidade psíquica do sujeito. Por outro lado, a neurose buscada em um passado longínquo, torna-se também atual.

A partir da Segunda Teoria das Pulsões⁶, esta concepção da técnica fica mais enfatizada, a medida em que é possível colocar de um lado Eros, como possibilidade de ligação – representada na análise pelo espaço de intersubjetividade através da transferência – e de outro, a pulsão de morte – representada pela compulsão à repetição.

A partir de *Análise Terminável e Interminável*⁷ e no *Esboço de Psicanálise*⁸, Freud apresenta a pulsão de morte como o elemento mais poderoso no que se refere ao êxito da análise.

As elaborações teóricas e técnicas feitas a partir de 1915, permitem pensar que a análise passa a referir-se a duas classes de atos psíquicos: ao conteúdo representado e que, por isto, pode transformar-se em palavra e a uma outra dimensão de atos psíquicos que não se acham inscritos e que somente poderão articular-se como palavra, pertencentes a uma cadeia simbólica, pelo caminho da transferência e da experiência intersubjetiva com o analista.

A experiência analítica sucede-se cada vez mais a partir do automatismo da repetição, o que consistiria a neurose de transferência. Seu propósito passa a ser o de colocar a compulsão à repetição no eixo da transferência, buscando, deste modo, a sua simbolização.

O campo da análise, então, refere-se à dialética entre a força pulsional e sua simbolização, sendo que a condição de possibilidade da segunda está

⁶ FREUD, Sigmund. (1920), “Más allá del principio de placer”, en: *Obras completas*. Buenos Aires, Amorrortu, 1994, vol.18.

⁷ FREUD, Sigmund.. (1937), “Análisis terminable e interminable”, en: *Obras completas*. Buenos Aires, Amorrortu, 1994, vol.23.

⁸ FREUD, Sigmund. (1940), “Esquema del psicoanálisis”. In: *Obras completas*. Buenos Aires, Amorrortu, 1994, vol.23.

dada pela transferência. A experiência analítica passa a ser, cada vez mais, uma experiência intersubjetiva. Assim, o “outro-analista” é quem possibilitará a simbolização do repetido. A reelaboração⁹ seria, deste modo, a maneira pela qual a repetição vai determinando o registro da simbolização, a medida em que permite a passagem de uma aceitação puramente intelectual do conteúdo inconsciente a uma convicção baseada na vivência do pulsional. Por meio do trabalho reelaborativo, é possível cessar a insistência da repetição do inconsciente.

Este segundo momento da técnica analítica faz pensar em uma outra concepção ética da análise, a medida em que não está mais em pauta a renúncia ao pulsional. Assim, a problemática que se estabelece para a experiência analítica é a de como construir caminhos alternativos para que as forças pulsionais possam ter satisfação no universo psíquico e no campo da alteridade. Essa seria uma outra concepção ética da análise, segundo a consideração do desejo e formas sublimatórias de satisfação deste.

Do ponto de vista da técnica analítica, se a sexualidade está também no eu além de estar no inconsciente, quando o paciente repete na transferência, não está empenhado em recordar, já que o eu obtém satisfação a partir da repetição, posto que ele está investido de sexualidade.

Esta constatação de Freud parece motivar a pergunta sobre qual é o papel do eu no processo analítico. Em outras palavras, poderia o analista contar com o eu no intento de recuperar a representação recalçada, uma vez que o eu é parte interessada na repetição? Assim fica questionado o eu como lugar de retificação das fantasias sexuais. Desde o ponto de vista terapêutico, de nada serviria o conhecimento pelo eu da representação recalçada, na medida em que o eu encontra-se implicado neste processo.

A análise passa a ser um espaço de intersubjetividade, circulação e representação do pulsional cujo objetivo é sua transformação no sentido do desejo. A análise implica que analista e analisando possam, juntos, construir destinos para as forças pulsionais e inscrevê-las no universo da simbolização.

⁹FREUD, Sigmund. (1914), “Recordar, repetir y reelaborar”, en: *Obras completas*. Buenos Aires, Amorrortu, 1994, vol.12

Dentro deste contexto, a sublimação seria o destino pulsional que se relacionaria a formas alternativas de satisfação do desejo.

Efetivamente, Freud indicou em um momento mais tardio¹⁰ de suas formulações teóricas e técnicas que o rumo da trabalho analítico estaria, de algum modo, relacionado à sublimação. Esta constatação de Freud é possível justamente pelas modificações de ênfase na técnica onde a circulação do pulsional e a transferência assumem a prioridade no trabalho analítico. Desta forma, o lugar do analista estaria relacionado, exatamente, a possibilitar a criação de novos destinos para a pulsão.

De fato, essa virada da técnica em Freud possibilita uma outra dimensão do lugar do analista. Este entra com sua presença, se oferece como um objeto para a pulsão – não no sentido da satisfação, mas sim criando uma circularidade, ou segundo Lacan, sustentando a demanda para que o desejo possa se manifestar¹¹.

Nesse processo, o analista está implicado como pessoa, exilando-se do próprio eu, portanto, em certo sentido ausente, mas presente com seu inconsciente. O processo analítico só verdadeiramente acontecerá a partir da condição de conseguir ocupar esse lugar de objeto da pulsão e de sujeito da ação terapêutica. Essa não é uma posição fácil de se aceder, e neste sentido pode-se compreender a afirmação lacaniana de que toda a resistência é na verdade do analista¹².

Dentro desse contexto, Derrida¹³ diz que o lugar do analista é “sem álbi”, o que parece caracterizar bem a radicalidade desta posição de se oferecer como objeto, ao mesmo tempo, sustentar a demanda, *estar e não estar*.

É ao tratar da hospitalidade que Derrida aponta a necessidade de, frente ao que chega – ao Chegante ou Estrangeiro – “que o deixe vir, que lhe ceda lugar, que o deixe chegar, sem exigir reciprocidade, nem mesmo o seu

¹⁰ FREUD, Sigmund.(1940), “Esquema del psicoanálisis”, en: *Obras completas*. Buenos Aires, Amorrortu, 1994, vol.23.

¹¹ LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

¹² Ibidem.

¹³ DERRIDA, J. *Estados-da-alma da psicanálise: o impossível para além da soberana crueldade*. São Paulo: Escuta, 2001.

nome”¹⁴. O posicionamento do autor, relaciona-se justamente com este lugar radical de viver o processo analítico, de estar inteiro e ao mesmo tempo, exilado de si mesmo, quer dizer, não é o eu, e sim o inconsciente do analista que está presente.

Assim, percebe-se uma marcante diferença no que diz respeito ao lugar do analista nestas duas perspectivas técnicas em Freud. Na primeira delas, está presente a razão, o eu do analista, revestido de um poder, sujeito suposto saber. A implicação disto é a intelectualização do paciente a respeito do conhecimento de si próprio, o que não quer dizer transformação pulsional. Esta prática muitas vezes é confundida com uma Reação Terapêutica Negativa. No entanto, nestes casos, parafraseando Derrida, não seria o paciente quem está em crise, mas sim a clínica.

Na segunda, ao contrário, é uma posição do analista que precisa ser atingida, no sentido da transformação dos destinos pulsionais, muito além da intelectualização. É nesta vertente que entendemos que a psicanálise pode ser uma prática clínica que ultrapasse a perspectiva intelectualizante do deciframento, adquirindo sua dimensão terapêutica, na medida em que o analista esteja efetivamente sem álibi para colocar-se como objeto possibilitando a circulação pulsional e como sujeito da ação terapêutica no sentido da construção de outros destinos para o desejo.

Finalizando, caberia ainda uma última indagação: quais os motivos que levam os psicanalistas da atualidade a resistir a este lugar e permanecer numa postura intelectualizada e distante dentro do processo analítico? Certamente trata-se de uma sobredeterminação de motivos. Todavia, urge poder questioná-los, colocá-los em crise.

¹⁴ DERRIDA, J. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a da falar da hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.